



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANDREZA LUPICINIO LINS

SÍNDROME DE DOWN E INCLUSÃO ESCOLAR

GUARABIRA-PB

2016

ANDREZA LUPICINIO LINS

SÍNDROME DE DOWN E INCLUSÃO ESCOLAR

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - Câmpus III - Guarabira em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob a orientação da Ms. Professora Débora Regina Fernandes Benicio.

GUARABIRA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L759s Lins, Andreza Lupicinio
Síndrome de Down e a inclusão escolar [manuscrito] /
Andreza Lupicinio Lins. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Debora Regina Farias Benicio, Departamento de
Educação".

1.Inclusão Escolar. 2.Síndrome de Down. 3.Educação
Inclusiva. I. Título.

21. ed. CDD 371.9

ANDREZA LUPICINIO LINS

SÍNDROME DE DOWN E INCLUSÃO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 19/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Debora Regina Fernandes Benicio

Prof. Me. Debora Regina Fernandes Benício
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(Orientadora)

Aline de Fátima da S. Araújo

Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(Examinadora)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof. Me Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(Examinadora)

Dedico em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, aos meus familiares, amigos que me ajudaram no decorrer do curso e aos meus professores que me acompanharam na jornada pedagógica do curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS por ter me dado forças, sabedoria e paciência para dar seguimento a este curso de Pedagogia com perseverança e não me deixou fracassar diante dos obstáculos que surgiram ao longo desse percurso acadêmico.

Aos meus familiares pela presença, apoio e estímulo que foram essenciais para concluir este curso.

Aos nossos professores que tiveram papel importante na minha formação profissional.

Em especial a minha orientadora Professora Débora Regina uma profissional de extrema responsabilidade na qual desejo me espelhar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN	8 10
3 O QUE É SÍNDROME DE DOWN E AS POSSÍVEIS CAUSAS	
4 INCLUSÃO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA REGULAR	12
5 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO DE PESSOAS COM SD	14 17
6 CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	

SÍNDROME DE DOWN E INCLUSÃO ESCOLAR

Andreza Lupicínio Lins(*)

RESUMO

Este trabalho visa apresentar e debater o tema “Síndrome de Down e inclusão escolar” e tem por objetivo contribuir para o avanço da inclusão de pessoas com síndrome de Down (SD) nas escolas da rede regular de ensino. O presente artigo de pesquisa acadêmica surgiu em meios aos desafios existentes na escola atual. Este artigo procurou responder e apresentar o seguinte problema de pesquisa: De que forma é possível promover a inclusão de pessoas com SD? Buscou-se responder o que é Síndrome de Down e as possíveis causas e quais as propostas metodológicas para o trabalho de pessoas com SD. A pesquisa é de natureza qualitativa e para a coleta de dados foram realizadas pesquisa bibliográfica e documental. Os autores que embasaram este trabalho de pesquisa acadêmica foram: VOIVODIC (2004), SCHWARTZMAN (2003), FACION (2005), CORREIA (1999) e CARVALHO (2003). Os resultados deste trabalho mostraram que, apesar de todos os avanços, ainda é necessário um conjunto de elementos para que possamos promover a inclusão de estudantes com síndrome de Down.

Palavras Chaves: inclusão escolar, síndrome de Down, educação inclusiva.

(*) Concluinte do curso de Pedagogia da UEPB Câmpus III

Abstract

This paper aims to present and discuss the theme "Down Syndrome and school inclusion" and aims to contribute to the advancement of inclusion of people with Down syndrome (DS) in the schools of the regular school system. This academic research article appeared in media to existing challenges in the current school. This article sought to answer and submit the following research problem: How can promote the inclusion of people with SD? He attempted to answer what is Down syndrome and the possible causes and what methodological proposals for SD with

people from work. The research is qualitative and data collection were carried out bibliographic and documentary research. The authors that supported this academic research work were Voivodic (2004), Schwartzman (2003), FACION (2005), CORREIA (1999) and Carvalho (2003). The results of this study showed that, despite all the advances, it is necessary a set of elements so that we can promote the inclusion of students with Down syndrome.

Keywords:School inclusion, Down syndrome, inclusive education.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico visa apresentar e debater o tema “**Síndrome de Down e inclusão escolar**”.

Hoje podemos dizer que a educação inclusiva teve um grande avanço escolar e social. Quanto à questão da educação de pessoas com Síndrome de Down (SD) podemos dizer que avanços aconteceram, mas vale salientar que os desafios foram enormes durante muitos anos.

O tema em estudo surgiu a partir de uma necessidade vivenciada em minha casa. Tenho tia de nome Vera Lucia Lins de 47 anos, que mal fala, pois não teve acesso a uma escola de ensino regular e não participou de nenhum projeto de educação especial. É neste momento que percebemos e refletimos o quanto uma sala de aula ajuda no desenvolvimento de uma pessoa com SD.

O nosso envolvimento com este assunto emergiu a partir da curiosidade de aprofundamento desta temática e da vivência acadêmica e a busca de novos conhecimentos. Sabemos que em breve iremos atuar na educação escolar de nosso País e desejamos que a nossa contribuição seja significativa para a aprendizagem e a vida de alunos com necessidades educacionais especiais. A pesquisa foi realizada com finalidade de conhecermos melhor a temática e alguns métodos eficazes de intervenção e mediação para a garantia do direito à educação da pessoa com síndrome de Down.

O problema de pesquisa é o seguinte: De que forma é possível promover a inclusão de pessoas com SD?

Nessa pesquisa investigativa, utilizamos os pressupostos da pesquisa bibliográfica caracterizado pela utilização de vários teóricos como fonte de apoio para a formação de um pensamento teórico a respeito do tema. Perseguiremos o seguinte objetivo geral: Contribuir com a com educação de estudantes com SD. Para efeitos didáticos os objetivos específicos norteadores da pesquisa, podem ser sintetizados como os seguintes: a) Expor um breve histórico do atendimento educacional a pessoas com síndrome de Down. b) Apresentar o que é a síndrome

de Down e seus avanços e desafios; c) Registrar marcos legais da educação inclusiva no Brasil; d) Identificar através das pesquisas bibliográficas os avanços no contexto escolar no tocante à educação de pessoas com SD; e) Apresentar o propostas metodológicas, no contexto da educação inclusiva, voltadas para pessoas com síndrome de Down.

Para a Fundamentação teórica deste artigo trabalhamos com os seguintes autores: como VOIVODIC (2004), SCHWARTZMAN (2003), FACION (2005), CORREIA (1999), CARVALHO (2003), ARANHA (2000), MEIRA (2001), ALVES (2001), COSTA (2011) entre outros.

Este trabalho apresentará: a) aspectos históricos e conceituais da síndrome de Down; b) o que é a síndrome de Down e quais as suas causas; c) a Inclusão de Pessoas com síndrome de Down na escola regular; d) Propostas metodológicas para o trabalho de pessoas com SD e d) a conclusão.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

A compreensão da história da Educação de pessoas com síndrome de Down vem sendo marco de muitos estudos.

De acordo com Facion (2005) são quatro as fases de compreensão.

A primeira fase surgiu com a eliminação onde uma pessoa com (SD) quando nascida ou era largada ou era sacrificada, considerada indigna para a sociedade.

A segunda etapa da segregação na metade do século XX passa a funcionar os programas próprios com profissionais especializados para acompanhamento de pessoas com necessidades educacionais especiais. Isto acontecia nas grandes instituições e separadas das regulares.

A terceira era considerada a fase de integração entre os anos 60 e 70 houve um grande avanço no qual aconteceu a educação de crianças com deficiências no ensino regular em classes especiais. Para Aranha (2001, p. 10)

A proposta de integração cria uma expectativa de que a pessoa com deficiência possa vir a se assemelhar ao não deficiente, como se fosse possível ao homem ser igual, e como o ser diferente fosse razão para decretar sua menor valia enquanto ser humano e ser social [...]

A quarta etapa surge nos anos 80, quando a escola regular é aberta numa perspectiva de inclusão escolar.

Observamos que Facion (2005) nos mostra etapas existentes no processo educativo de crianças com síndrome de Down e a sua evolução ao longo dos séculos. Sabe-se que esses seres humanos não eram vistos com bons olhos perante a sociedade, os quais chegava a matar e a abandonar. Ao longo do tempo aconteceram mudanças que permitiram o surgimento de uma nova história na vida dessas pessoas com SD.

Em se tratando de inclusão e integração vale salientar que ambos os processos se referem à maneira de inserir a pessoas com SD.

Alguns autores não fazem diferenciação, utilizam os dois termos para a indicar o mesmo processo, outros os definem fazem diferenciação.

De acordo com Sawaia (2001) temos uma sociedade economicamente desigual, que permite uma inclusão de aparências.

É bem clara a desvantagem econômica em meios à Inclusão/Exclusão da humanidade inseridas através da insuficiência de acesso à saúde, ao lazer e à educação.

Quando nós tratamos da inclusão de crianças com SD, seja no meio social ou até mesmo no ambiente educacional, é notável que as escolas estão moldando os seus profissionais ao invés de exigir que a pessoa com síndrome de Down se adeque às regras da instituição de ensino. São perceptíveis as mudanças de atitude no que diz respeito às estratégias de ensino. Os profissionais que atuam numa escola inclusiva devem trabalhar com compromisso e com muita responsabilidade nos seus atos, porque pessoas com síndrome de Down têm sentimentos e tem um senso perceptivo aguçado. Elas criam um vínculo muito forte com aquele que deles cuidam com amor, carinho e respeito.

[...] a proposta inclusiva respeita os diferentes estilos de aprender e a singularidade dos aprendizes. Considera que a homogeneidade é ilusória, portanto as crianças devem ser demandadas a partir do estágio em que se encontram, sem que se funde o mito de que todos são iguais (MEIRA, 2001, p.41)

De acordo com Meira o ato de incluir uma pessoa com síndrome de Down deve ser de acordo com o estágio em que se encontra e que não estabeleça uma mentira, onde todos são iguais. A proposta de um ambiente educacional Inclusivo deve ser valorizada e respeitada para que se possam estimar as diferentes formas de aprender de cada um.

Considerando-se a sua importância, entende-se por “Educação Inclusiva”:

Um conjunto de processos educacionais decorrente da execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e de isolamento. Essas políticas buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de todos os alunos nela, independentemente de suas particularidades. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatório a todo cidadão brasileiro (CARNEIRO, 2011, p. 29).

Para Carneiro (2011) a inclusão escolar inclui métodos eficazes para garantir a permanência dessas pessoas com SD na escola da rede regular de ensino.

3 O QUE É SÍNDROME DE DOWN E AS POSSÍVEIS CAUSAS

É de extrema importância ter conhecimento que uma pessoa que apresenta todas essas características que vamos conhecer é capaz de desenvolver alcançando de maneira pessoal níveis de evolução, sejam elas no trabalho, na vida social, no sentimento, na diversão etc. (FUNDAÇÃO SÍNDROME DE DOWN, 2014)

As pessoas com SD são as que na sociedade ocupam outro espaço com dignidade e respeito, podendo então muitas vezes competir com outras pessoas ditas normais.

A Síndrome de Down (SD) é uma síndrome de caráter hereditário, que se constitui pela presença de um DNA a mais no par 21. Esta síndrome é responsável pelas características físicas do ser humano, também chamada de trissomia 21.

De acordo com Gonzáles, em 1866, o médico John Langdon Down descobriu características desta síndrome em algumas crianças com retardamento intelectual. Quanto aos tipos existentes, Gonzáles nos informa que:

A síndrome de Down pode ocorrer de três formas: a trissomia Simples, translocação, moiacismo. O Que é trissomia simples? São as células que possuem 47 DNA. É a forma mais comum, pois é representada por cerca de 90% dos casos. Na translocação, o cromossomo extra do par 21 fica unido a um cromossomo de outro par. Já no mosaicismo, ou seja, uma variação do número cromossomos das células do corpo o que ocorre é um erro da distribuição dos cromossomos na segunda ou terceira divisão celular. Nesse caso, tanto o óvulo como o espermatozoide têm um número normal de cromossomos, podendo se fazer uma divisão normal, porém, num momento determinado, uma das células se divide irregularmente, tendo como resultado uma célula com 47 cromossomos e outra com 45". (GONZÁLEZ, 2007, p.17)

Hoje em dia é mais fácil saber durante a gestação se o bebê apresenta características de uma criança que tem síndrome de Down. Portanto, vale informar que a alteração nos cromossomos diferencia um ser humano em toda a sua totalidade e é por meio de alguns exames que esse diagnóstico poderá ser feito. Assim são exames importantes: o cardiograma e a ultrassonografia. Voivodic afirma que:

Para que se possa identificar a síndrome de Down é feito um estudo genético, onde é realizado um exame de nome cariótipo, que visa analisar a quantidade de cromossomos de uma célula, que apresenta normalmente 23 pares de cromossomos, estes correspondem à identidade genética do ser humano. É por meio de um exame conhecido como cardiograma que identifica doenças do coração. Além destes exames acima citados temos a ultrassonografia, que pode fazer o diagnóstico da SD, vendo a dobra ou espessura da nuca. (VOIVODIC, 2008)

Segundo Costa (2011) nas primeiras horas de vida de um bebê, é possível reconhecer a SD através de suas características, pois são muito comuns entre os portadores da Síndrome de Down (SD), por exemplo, os olhos puxados e a cabeça arredondada.

Quanto à análise da SD, esta poderá ser feita nas primeiras horas de vida do recém-nascido pelas suas características físicas. Posteriormente, pode ser feito o exame dos genes. (COSTA, 2011)

Segundo Schwartzman (apud PEREIRA-SILVA e DESSEN, 2002) as mulheres após os 35 anos tem um risco maior de ter filhos com SD por causa dos seus óvulos que encontram-se velhos para reprodução. Após diagnosticar que a mãe está gestante de uma criança com SD começa todo um processo psicológico de aceitação por parte da gestante e dos familiares para que essa criança seja bem

aceita pelos seus pais e que não tenha nenhum tipo de rejeição acarretando consequências para o desenvolvimento do mesmo.

Logo após o nascimento, os bebês com SD mostram dificuldades para a sucção e deglutição. Observa-se, também, um atraso no desenvolvimento de alguns dos seus reflexos, havendo um comprometimento na postura de semiflexão dos quadris, que pode não ser evidente ou, até mesmo, estar ausente.

Podemos observar diante destes dados características físicas e psíquicas das crianças com síndrome de Down, porém a deficiência mental é uma característica presente na vida de uma pessoa com SD.

Existem fatores que ajudam no desenvolvimento físico, emocional e social de uma criança com Síndrome de Down e que para muitos podem até ser um processo desnecessário como, por exemplo: o amor, o carinho, o respeito, a forma nas quais são tratados e vistos perante a sociedade e o meio em que se vive, Onde são essenciais para todos com SD proporcionando em si mesmo uma autoconfiança.

[...] na criança com síndrome de Down a prontidão para aprendizagem depende da complexa integração dos processos neurológicos e da harmoniosa evolução específicas como a linguagem, percepção, esquema corporal e espaço temporal e lateralidade (ALVES, 2007, p.41)

Em comunhão com a ideia da autora percebemos que a aprendizagem de crianças com Síndrome de Down depende da integração harmônica do processo neurológico, onde resultará no amadurecimento contínuo da aprendizagem. É necessário que o professor tenha uma interatividade com a criança com Síndrome de Down para que as dificuldades sejam amenizadas tanto nas questões do desenvolvimento da linguagem quanto motor e físico.

Pessoas com SD podem ter uma vida normal como, por exemplo: estudar, trabalhar, ensinar, casar, ou seja, podem ter uma vida saudável e sociável..

4 INCLUSÃO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA REGULAR

A inclusão é algo complexo que deve crescer a cada dia, porém a rede de ensino deve estar pronta para receber e se adequar à realidade de cada um discente.

Na inclusão o vocabulário integração é abandonado, uma vez que o objetivo é incluir um aluno ou um grupo de alunos que já foram anteriormente excluídos. A meta primordial da inclusão é não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo (WERNECK, 1997, p.5)

Estamos de acordo com o autor acima citado que trata das questões de inclusão na escola regular. Sabemos que o ambiente educacional deve estar adequado para atender com êxito pessoas com SD. Defendemos que o direito da educação para os discentes seja garantido não apenas nas páginas da Constituição Federal, mas na prática educacional, desde o planejamento semanal de cada profissional.

A inclusão em sua totalidade visa acolher a todas as pessoas independentemente de sua classe social, de sua cor, de sua religião e até mesmo de sua deficiência. Segundo a citação acima o objetivo da inclusão é de fato incluir e não abandonar aqueles que precisam e têm direito à educação escolar.

Vale salientar que existem algumas mudanças entre integração e inclusão, onde muitos desconhecem o real propósito de ambos na educação de pessoas com Síndrome de Down, pois na integração a pessoa com SD precisa se adequar a realidade da escola e professores, mas na inclusão esse fato é diferente porque o ambiente educacional e os profissionais mudam as suas técnicas para atender corretamente e com eficácia esses alunos com SD.

Muitos Educadores sonham em ter uma sala de fantoches, na qual os alunos sejam exatamente da forma que eles querem moldar. Mas, na atualidade, é quase sempre impossível se prevê com que tipo de deficiência se irá trabalhar. Sendo assim, quando o educador se depara com este tipo de situação o ideal é que possa considerar que alunos com Síndrome são muito inteligentes e que apesar de algumas limitações são capazes de aprender.

A filosofia da inclusão, por sua vez, precisa ser interpretada, divulgada e planejada corretamente, afim de produzir resultados adequados. Neste sentido, campanha de esclarecimento sobre a educação inclusiva, levada a

efeito pelos setores público e privado junto à sociedade, muito contribuirá para torná-la realidade. (SCHWARTZMAN, 1999, p.262).

Schwartzman (1999) relata com clareza sobre a divulgação da educação inclusiva, pois, apesar existirem muitos documentos legais a favor da causa das pessoas com deficiência, precisamos de mais propagandas, campanhas e pessoas ainda mais conscientes acerca do seu papel diante da inclusão escolar. As pessoas com Síndrome de Down são de fato muito especiais e necessitam de respeito. A contribuição dos órgãos públicos e privados é de extrema importância para desfazer alguns paradigmas referentes à inclusão de alunos com esta síndrome.

Ao longo dos avanços percebemos o quanto evoluímos em questões de interação, inclusão e de socialização.

O artigo 27, do capítulo IV do Estatuto da Pessoa com Deficiência determina que:

A Educação Constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Paragrafo Único. É dever do Estado, da Família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

O artigo do Estatuto da Pessoa com deficiência acima citado garante esses direitos e cabe ao poder público assegurá-los a cada discente e propor projetos pedagógicos para através de práticas acessíveis ajudarem no seu desenvolvimento.

5 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM PESSOAS COM SD

O espaço educacional se transformou no decorrer dos anos, adquirindo ambientes favoráveis, aperfeiçoando a educação e a metodologia aplicada na sala

de aula, trazendo novas opções de trabalho para tornar o ensino mais competente e atrativo.

Hoje, em tempos de renovação educacional, mais um desafio é sugerido à escola, onde se trata de proposta metodológica para incluir e possibilitar a aprendizagem de pessoas com síndrome de Down. Vale salientar que, é obrigação da escola receber todos os alunos e proporcionar a estes discentes com SD uma aprendizagem significativa, que possibilite a cada um o acréscimo de aptidões, práticas respeitáveis para sua biografia social, seu intelecto e seu aprendizado. Diante disso, serão apresentadas propostas metodológicas para o trabalho contínuo de pessoas com SD.

Se cada responsabilidade fosse vista de fato como um dever obrigatório teríamos eficácia nos programas voltados para o acompanhamento de alunos com necessidades educacionais. Segundo Correia:

São grandes as responsabilidades cometidas ao professor do ensino regular: espera-se que utilize estratégias e desenvolva atividades de ensino individualizado junto da criança com NEE, mantenha um programa eficaz para o resto do grupo e colabore na integração social da classe. Sem a formação necessária para responder às necessidades educativas destes alunos, não conhecendo muitas vezes a natureza dos seus problemas e as implicações que tem no seu processo educativo, os professores do ensino regular não lhes podem prestar o apoio adequado. (CORREIA, 1999, p.1)

Correia (1999) refere-se às responsabilidades do professor. Para realizar um bom trabalho tal profissional precisa utilizar métodos eficazes para as atividades desenvolvidas na sala de aula contribuindo para a integração dos discentes com SD. A Integração de pessoas com SD junto aos outros alunos sem deficiência ajuda no convívio diário para ambos e para o docente que naquele espaço ministra as suas aulas.

O convívio com coleguinhas ditos normais é muito importante para o aluno com síndrome de Down.

A metodologia aplicada para pessoas com SD deve ser aparelhada e metódica, tendo por base um cronograma de atividades organizadas por etapas e coerente a sua especialidade ou dificuldade.

Baseada Alves (2007) cito algumas propostas metodológicas ou ações para que os educadores da escola de ensino regular possam trabalhar com discentes com Síndrome de Down:

- Proporcionar a junção da teoria com a prática;
- Oferecer um espaço lúdico, com muitas cores e confortável para o atendimento de pessoas com SD;
- Trabalhar a integração e a autoconfiança dos discentes;
- Estimular a fala, atividades físicas e a coordenação motora;
- Auxiliar o discente com SD nas atividades propostas na sala de aula;
- Capacitar o docente para o atendimento ao público- alvo com Síndrome de Down;

Diante dessas propostas metodológicas podemos obter resultados satisfatórios para o desenvolvimento motor, psicológico, físico, interacional, afetivo, oral, grupal e entre outros das pessoas com síndrome de Down.

Para que todas essas propostas sejam de fato colocadas em prática são necessários profissionais da educação capacitados para que tenhamos total eficácia no trabalho contínuo em prol de pessoas com Síndrome de Down.

Contribuindo com este pensamento, Mantoan (2004) aponta que a inclusão é uma probabilidade de evolução da educação escolar em benefício de todos os discentes com ou sem deficiência; depende, apesar disso depende de uma disponibilidade interna para enfrentar mudanças e desafios. Assim, as escolas da rede regular devem organizar alguns aspectos que são de suma importância para incluir os alunos com necessidades especiais.

Vejamos o que determina a RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001, que Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica:

- I - professores das classes comuns e da educação especial capacitados e especializados, respectivamente, para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos;
- II - distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais pelas várias classes do ano escolar em que forem classificados, de modo que essas classes comuns se beneficiem das diferenças e ampliem positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar para a diversidade;
- III – flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e

recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola respeitada a frequência obrigatória; [...]

VII – sustentabilidade do processo inclusivo, mediante aprendizagem cooperativa em sala de aula, trabalho de equipe na escola e constituição de redes de apoio, com a participação da família no processo educativo, bem como de outros agentes e recursos da comunidade. (BRASIL, 2001)

De acordo com a referida Resolução atribuímos um leque de conhecimento para cooperar com a inclusão de discentes com SD na rede regular de ensino. Tudo isto tendo em vista a contribuição do docente com êxito, a diversidade sendo compartilhada por todas as salas permitindo o contato entre alunos SD juntamente com os alunos que não tem Síndrome de Down. Assim também o aprimoramento do currículo, ou seja, a adequação das aulas de acordo com a necessidade do público-alvo da educação especial, com trabalho em equipe para ajudar no processo educativo dos discentes com SD.

Para Guijarro (2005), é preciso:

Transformar a cultura das escolas para que se convertam em comunidades de aprendizagem e de participação. [...] é necessário um trabalho colaborativo entre os professores, entre professores e pais, professores e especialistas e entre os próprios alunos. [...] Enfoques metodológicos e materiais didáticos que facilitem a aprendizagem e a participação de todos os alunos. (GUIJARRO, 2005, p.13)

A partir destes elementos acima citados é possível contribuir com a inclusão de alunos com diversos tipos de necessidades educacionais especial, entre eles os alunos com SD. Dessa forma o trabalho poderá atingir o esperado: êxito.

6 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho buscamos sensibilizar o leitor quanto à questão da importância da educação escolar de pessoas com síndrome de Down.

Para tanto, fizemos um breve histórico, conceituamos síndrome de Down, refletimos sobre o que vem a ser síndrome de Down e apresentamos algumas propostas metodológicas para o trabalho com pessoas com SD.

Vale salientar que a síndrome de Down não é uma enfermidade e sim uma má-formação congênita, onde pode ocorrer em qualquer família seja ela de classes social baixa ou alta.

Sabemos que a inclusão de pessoas com SD está garantida na lei e que pessoas com Síndrome de Down precisam ser instigadas desde as primeiras horas de vida. Lembramos que para a identificação desses pessoas há exames, mas podemos também identifica-las por suas características físicas desde cedo, pois apresentam o crânio curto, as orelhas pequenas e mesmo em tamanhos diferentes.

Ressaltamos que vivemos no Brasil um país de grandes diferenças culturais e socioeconômicas. Precisamos então garantir o direito de todos os cidadãos. Aqueles que têm SD precisam também ter garantido o seu direito à educação.

Vale salientar que esta pesquisa não esgota todo o estudo acerca desta temática que é muito complexa, mas este trabalho visou refletir e mostrar os avanços e desafios enfrentados por discentes com Síndrome de Down no âmbito educacional. Esses desafios são visíveis quando tratamos educação escolar.

Portanto, novos trabalhos são necessários, pois apesar de todos os avanços, apesar de todas as conquistas ainda existem muitos objetivos a serem traçados e muitas dificuldades a serem superadas.

A luta continua em busca de avanços e menos exclusão para uma educação qualitativa voltada para estudantes com síndrome de Down nas escolas da rede regular de ensino.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. (2000). Inclusão social e municipalização. In **Educação especial: temas atuais**, (p. 1-10). Marília: Unesp — Marília Publicações.

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

BASTOS.M.B (2001). **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiências**. In *Revista do Ministério do Trabalho*, XI, n. 21, março (pp.160 p.173).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm > Acesso em 24 set. 2016.

_____. **Estatuto da Pessoa com Deficiência** Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm > Acesso em 24 set. 2016.

_____. Resolução nº 2. **Institui as diretrizes da educação especial na educação básica**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília, 2001

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARVALHO, R.E. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. Educação inclusiva. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CORREIA, Luís de Miranda. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares**. Porto Codex, Portugal: Porto Editora, 1999. (Coleção Educação Especial, 1).

COSTA, L.N. **Inclusão escolar de um aluno com síndrome de Down: estudo de caso**. 2011.p.56

FUNDAÇÃO SÍNDROME DE DOWN. **O que é Síndrome de Down**. Disponível em: <http://www.fsdown.org.br/sobre-a-sindrome-de-down/o-que-e-sindrome-de-down/> Acesso em 02 set. 2014.

GONZÁLEZ, E. A educação Especial: conceito e dados históricos In:_____ (coord.) **Necessidades Educacionais Específicas**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007 p. 17-46.

MANTOAN, M. T. E. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In: STOBAUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. (orgs.) **Educação Especial: em direção a educação inclusiva**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPICURUS, 2004 p. 27-40

MEIRA, A. M. G. (2001). Contribuições da psicanálise para educação inclusiva. In: **Escritos da Criança**, n. 6, Centro Lydia Coriat (pp. 41-51). Porto Alegre, RS.

PEREIRA-SILVA, N. L.; DESSEN, M. A. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família**. Revista Interação em Psicologia, v.6, n.1, p. 167-176, 2002 SÁNCHEZ.

SAWAIA, B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In _____ (org.) **As artimanhas da exclusão**. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7-13.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.